

# O país é um sonho

GAUDÊNCIO TORQUATO

Vamos devagar com o andar. A promulgação da nova Carta não significa que o Brasil, de repente, seja outro. Até que seria boa uma mudança de rumos. Infelizmente, as coisas não acontecem, principalmente no campo das grandes reformas, simplesmente em função de dispositivos constitucionais. O mais importante em um processo de mudanças é a transformação que se passa nas mentalidades. E é pouco provável que a mentalidade nacional assuma, abruptamente, novas posições e conceitos num curto espaço de tempo.

Não se pode negar que o poder, com a aplicação imediata das novas disposições, vai mudar de rota. É só imaginar, por exemplo, que os estados não correrão, de pires na mão, ao Palácio do Planalto em busca de verbas. As atenções, agora, se voltam para o Parlamento, consideravelmente prestigiado com a atribuição de aprovar orçamentos. O reforço do Legislativo certamente deslocará o eixo do poder, minando a força do Executivo. Mas não se pode deixar de considerar, num regime presidencialista, o apreciável conjunto de situações manobradas pelo Executivo, o que lhe garante sempre bom cativeiro em torno de questões fundamentais.

O discurso efusivo com que foi recebida a nova Constituição tem o mérito de enfeitar a moldura para os grandes passos que serão, ao longo do tempo, dados. Cria, nos estratos médios e segmentos atentos à mídia, um sentido de engajamento e desejo de participação. Os símbolos gestuais, a mão trêmula do presidente Sarney o close em cima do primeiro exemplar da Constituição, a voz firme e vitoriosa de Ulysses e seu grito final — "Muda Brasil", após a emocionante cena do juramento dos constituintes, integram um cenário lúdico adequadamente conveniente aos anseios nacionais. Os espíritos se emocionam e a alma nacional canta, de maneira fervorosa, o hino do civismo.

Em termos práticos e imediatos, o discurso cívico não consegue mascarar a dura realidade. Os cerca de 34 milhões de brasileiros que ganham, no máximo, dois salários mínimos por mês, esses pobres miseráveis que vegetam na periferia das grandes cidades e nos campos, com certeza não participam do atual banquete cívico. E vai demorar muito tempo para que os resultados de uma nova Constituição cheguem até eles.

Desta forma, a oitava economia mundial que somos não tem nada a ver com o país caótico que circula na

vanguarda de estatísticas assombrosas. Metade da população brasileira recebe pouco mais de 10% da riqueza nacional. Nos fundões do País, a vida não conhece progresso. São milhares e milhares de brasileiros, de dorsos nus, pele tostada pelo sol escaldante, usando fossas no meio das ruas. São crianças que se amontoam no lixo, à cata de materiais aproveitáveis. São migrantes, tangidos pelo infortúnio e pelas calamidades regionais, uma gente sem esperança, que desaprendeu o riso e choro.

É possível que a Nova Constituição crie um estado d'alma nacional capaz de mobilizar todos os segmentos da Nação. É possível, até, que as correntes transformadoras, animadas pelas garantias de uma Constituição avançada, consigam superar os blocos conservadores na batalha das mudanças. O caráter nacional, porém, é profundamente fisiológico. Acostumou-se, nesse país, com a política do troca-troca, do favoritismo, das promessas. Sedimentou-se, no corpo social, uma imensa acomodação. As pessoas não querem ser incomodadas, lutam para ampliar espaço e temem perder vantagens.

Visto sob esse ângulo, não é difícil divisar o Brasil dos ensaios cívicos, da musicalidade que flui da boca das multidões, da criatividade e espontaneidade. É fácil perceber também o país da produção industrial, do grande consumo nos centros cosmopolitas, das grandes colheitas agrícolas. Contra esse pano de fundo, profeta-se o país dos miseráveis. Juntar esses pedaços e construir um arcabouço harmonioso não é fácil. Os políticos brasileiros estão, espiritualmente, distantes das massas. Sua aproximação, na maioria dos casos, se dá apenas em épocas de eleições. As instituições estão desacreditadas. O governo, a toda hora, faz questão de exibir um discurso mítico de felicidade, vitória e ufanismo. Para ele, o país da miséria inexistente.

O país novo que se apregoa, com a promulgação da Nova Constituição, por enquanto, é um sonho. Para torná-lo concreto, é preciso que os homens públicos do País dêem demonstrações de desprendimento e obstinada vontade de juntar os pedaços esmigalhados dos muitos Brasis. O Hino Nacional parece que, nos últimos tempos, ficou confinado aos ambientes de Brasília. Seus acordes chegam ao povo, via rádio e televisão. Certamente, 140 milhões de bocas gostariam de participar do grande canto nacional.

Gaudêncio Torquato é professor titular da Universidade de São Paulo, especialista em marketing político.

11 OUT-1988

ESTADO DE SAO PAULO